

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea
ISSN: 2316-4018
Grupo de Estudos em Literatura Brasileira
Contemporânea ou Programa de Pós-Graduação em
Literatura da Universidade de Brasília (UnB)

“Escrever é um ato de vida”: entrevista com Esmeralda Ribeiro

Frederico, Grazielle; Mollo, Lúcia Tormin; Dutra, Paula Queiroz

“Escrever é um ato de vida”: entrevista com Esmeralda Ribeiro

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 51, 2017

Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea ou Programa de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade de Brasília (UnB)

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323151269018>

“Escrever é um ato de vida”: entrevista com Esmeralda Ribeiro

Graziele Frederico grafrederico@gmail.com

Universidade de Brasília, Brazil

Lúcia Tormin Mollo ltorminmollo@gmail.com

Universidade de Brasília, Brazil

Paula Queiroz Dutra qpaulad@gmail.com

Universidade de Brasília, Brazil

Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo, é escritora e jornalista. Faz parte da Geração Quilombhoje desde 1982, atuando em movimentos de combate ao racismo e na construção de uma literatura negra - com incentivo à participação da mulher -, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. Em 1981, publicou o livro de contos *Malungos & milongas*. Também tem poemas em diversas antologias no Brasil e no exterior. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os *Cadernos negros*, entre outras publicações.

Qual a sua relação com a literatura?

É uma relação de amor, não aquele piegas, sem grudes, sem dormir na mesma cama e nem na fama. A relação rola quando precisa. A literatura é minha amiga, mas ao mesmo tempo minha inimiga. Há cobranças. Minha relação é uma batalha diária, porque meus padrões literários não se encaixam no padrão estético de ser uma escritora. Prefiro uma relação de sinceridade, sem incorporar um personagem no mundo real. A minha relação com a literatura é literal. Escrever é um ato de vida. É o ponto de equilíbrio de saúde mental e intelectual. Incorporação literária, que contém ancestralidade, realidade, ficção, premonição. Uma relação de ativista. É ter a ilusão de escrever um conto e criar personagens, situações e soluções. Ser uma “Deusa”. Sim, ser “Deusa” é um exercício criativo. Escrevo para ver a vida de forma positiva. O “não” que me acompanha no meu dia a dia não me assusta. O “não” para mim é algo a superar. Também entre os muitos “nãos” sempre tem os “sims” gratificantes e duradouros.

Você acha importante se dizer autora negra dentro do campo literário brasileiro? O rótulo demarca ou aprisiona sua trajetória?

É como respirar para viver. No campo literário, tenho que comemorar meu gol como eu sou. Sem cartão vermelho para minha opção de ser mulher negra escritora. Fico os 90 milhões de minutos no campo literário. Não aceito substituições. Não sou produto que precisa de um rótulo para ser exposto na prateleira da comercialização. Não estou à venda. Quem deve ficar exposto no mercado literário é a minha produção literária. Quero ser inteira: mulher negra escritora. Há de se pagar um preço. Eu pago! Prefiro isso a ser apagada da historiografia literária.

O racismo presente na sociedade brasileira afeta a sua produção?

Graziele Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra.

“Escrever é um ato de vida”: entrevista com Esmeralda Ribeiro

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 51, 2017

Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea ou Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB)

DOI: 10.1590/2316-40185118

Não, porque pode ser um gás nocivo paralisante. Escrevo como antídoto, para que o racismo não me mate. Meu antídoto literário deve ajudar aqueles que respiram o gás nocivo a ter sempre esperança. As mudanças são difíceis, a perda de privilégios não é fácil de encarar. O racista usa palavras e táticas que não são mais eficazes para sua existência. As tentativas sempre existirão, mas estão enfraquecendo, são pálidas, esqueléticas.

Quais temas te interessam, te instigam a escrever?

Os temas são diversos: amor, família, condição de vida, entre outros. Às vezes, é o tema do momento: política, violência contra os jovens negros. Minha escrita começa no ato de resistência. Um tema que perpassa pela vida cotidiana dos personagens. Pode ser espiritual, material. A reflexão reveste a minha escrita. Não há limitação de temas, porque o mesmo tema pode ser poetizado ou contado de diversas formas e por meio de diferentes conteúdos.

Qual a relação de sua escrita com suas experiências?

É total. É maravilhoso ter mais experiência de vida, porque seus personagens podem vivenciar várias gerações. Ter "maduraliteraridade" traz riqueza nos sons, nas palavras, nas vivências dos meus personagens.

Qual o peso que o machismo ainda tem no Brasil atual?

Agora "peso leve". Ainda prevalece, porque temos triplas tarefas, além de escrever. Porém o machismo está perdendo força, porque a geração feminina negra atual está virando a mesa. A mulherada está batendo a genitália na mesa, são elas agora suas vozes. Não aceitam a fala poética masculina negra.

É possível desvincular a produção literária de um ato político?

Não, porque produzir literatura afro-brasileira ou negra é um ato político. O racismo produz para toda sociedade situações nocivas nas nossas condições de vida material e espiritual. A nossa dor é universal, não tem direita, nem esquerda, nem centro.

O que o corpo significa em sua produção?

Escrevo de corpo inteiro. Isso me dá existência literária. Dá visibilidade para um corpo negado na vida real. Escrevo para entrar e sair inteira na literatura. Sem mutilações literárias. A leitora ou leitor tem que ler e imaginar a beleza completa dos meus personagens.

Qual a importância da literatura num país de tamanhas desigualdades sociais?

A literatura negra não é souvenir, por isso, escrevo. Nossa literatura também dará uma compreensão da nossa situação no Brasil. Nossa literatura nos faz refletir que as situações estão interligadas, por meio de romance, conto ou poema. A poesia toca no coração de todas as pessoas.

É possível vislumbrar uma melhora na inserção no mercado editorial a partir de novas mídias, como as redes sociais?

Quando sabemos usá-la a nosso favor, sim. Redes sociais ainda são um tabu para algumas pessoas da comunidade negra, como também para autores e autoras. Muitos não dão a mínima importância. Mas é preciso estar conectado, porque ajuda a divulgar a nossa produção. Ajuda os pesquisadores a nos encontrar. Ajuda-nos a sermos convidados

para ministrar palestras ou cursos em universidades de toda parte do Brasil e no exterior. Auxilia-nos a conhecer, por meio de vídeos, a forma contemporânea de declamar poesia. As redes sociais, para a literatura negra, levam nossa produção para além-mar, por meio das bandas largas em alta velocidade. Agora não tem como nos parar.

Se fosse possível criar uma imagem do Brasil a partir dos escritores contemporâneos, qual imagem você acha que teríamos representada?

De escritores contemporâneos negros e negras de vitória, porque as edições são vastas, ricas de conteúdo, reflexivas. Colhendo frutos da herança literária que os nossos ancestrais nos deixaram. Em décadas há avanços na nossa produção. Podemos dizer: “Valeu Zumbi”.

Qual sua análise sobre um aumento dos mais diversos tipos de intolerância (religiosa, de gênero, racial, social) no país? Vivemos tempos mais violentos?

Falta uma comunhão entre os que não aceitam essa intolerância. Devemos combatê-la em todos os campos, inclusive o literário. Mas, quem não aceita a religião afro, quem sempre posou de boa pessoa, os machos, geralmente brancos, estão vendo suas máscaras caírem. A religião não deve enriquecer ou dar poderes para seres mortais serem melhores que os outros. Vivemos num ciclo de sermos tomadores de conta da vida dos outros, porque é difícil olhar para as nossas próprias vidas. A liberdade do corpo do outro ou da sua opção amorosa incomoda. Precisamos de parcerias humanas para reconstruir um país melhor. Socialmente ainda somos comandados por poucos que querem continuar a preservar o seu muito, o seu mundo ostentação. Não trouxemos nada e nada vamos levar, mas ostentar é poder, oprime o outro, assim como determinar racialmente quais grupos de pessoas podem frequentar determinado lugar. É uma falsa blindagem, porque a droga ilícita como uma serpente entra nessas vidas ostentadas pela ilusão de quem construiu um muro, mas esse muro é imaginário. Só existia na cabeça e no coração daqueles que fazem parte do mundo ostentação.

Qual a importância da liberdade e da democracia para a literatura?

Total. Mordaça na vida real e na vida ficcional devem ser combatidas, porque é ditadura. É atraso intelectual para todos. Sufocar as nossas palavras é o mesmo que nos eliminar sem usar qualquer arma. Retrocessos históricos são ruins para todos nós. “Fora!”, para qualquer tipo de ação nesse sentido. “Fora!”, todos aqueles e aquelas que conjugam a ditadura como remédio, porque isso é um arsênico que mata a todos e todas.

Quais autoras/es, pensadoras/es, pessoas têm influência na sua obra?

A escrita é algo vivo e como tal bebo na fonte de escritores ancestrais e também de autores/as, pensadores/as contemporâneos/as.